

Sumário

PARTE UM

2006: Desmond Pepperdine, o Menino da Renascença, 11

PARTE DOIS

2009: Lionel Asbo, Sortudo da Loteria, 91

PARTE TRÊS

2012: Cilla Dawn Pepperdine, a Criança de Colo, 183

PARTE QUATRO

2013: Quem? Quem?, 301

PARTE UM

Quem foi que deixou os cães entrarem?

... Essa, tememos, será a questão.

Quem foi que deixou os cães entrarem?

Quem foi que deixou os cães entrarem?

Quem?

Quem?

2006: Desmond Pepperdine, o Menino da Renascença

1

Cara Jennaveieve,

Estou tendo um caso com uma mulher mais velha. É uma senhora de certa sofisticação e representa uma mudança revitalizante em comparação com as adolescentes que conheço (como Alekra, por exemplo, ou Chanel). O sexo é fantástico e acho que estou apaixonado. Mas existe outra complicação séria, que é a seguinte: ela é minha avó!

Desmond Pepperdine (Desmond, Des, Desi), autor desse documento, tinha quinze anos e meio. E sua caligrafia, no momento, era de uma elegância tímida; as letras tendiam a se inclinar para trás, mas ele, com toda a paciência, as obrigava a inclinar-se para a frente; e quando tudo estava suavemente unido, adicionava pequeninos floreios (seu *e* era sem dúvida ornamental — como um *W* virado de lado). Usando o computador que agora compartilhava com o tio, Des resolveu fazer um curso completo de caligrafia, entre vários outros cursos.

O lado bom da história é que a diferença de idade é surpreendentemente

Ele riscou esse trecho e recomeçou.

Começou faz quinze dias quando ela telefonou e disse é o encanamento de novo querido. E eu respondi vó? Vou já para aí. Ela mora num apartamento de vovó embaixo de uma casa a mais ou menos um quilômetro e meio e toda hora acontece alguma coisa errada com o encanamento. Só que não sou encanador mas aprendi um pouco com meu tio George que trabalha no ramo. Consertei para ela e ela disse por que não fica e toma uns drinques?

Curso de caligrafia (e sociologia, antropologia e psicologia), mas o de pontuação ainda não. Ele era bom em soletrar palavras, o Des, mas sabia como era fraco em pontuação, porque tinha acabado de começar um curso sobre isso. E a pontuação, ele (com toda razão) intuiu, era uma espécie de arte.

Então tomamos alguns Dubonnet, com o qual não estou habituado, e ela ficou me olhando daquele jeito engraçado. Ficou tocando Beatles o tempo todo e ela tocou as músicas mais lentas, feito Golden Slumber's, Yesterday e She's Leaving Home. Depois vovó falou está muito quente aqui vou ali um instantinho só para vestir minha camisola. E voltou de baby-doll!

Ele estava tentando se educar — não em Squeers Free, recentemente eleito, ele tinha lido no *Diston Gazette*, o pior colégio da Inglaterra. Mas seu entendimento do planeta e do universo tinha lacunas inconcebíveis. Ele ficava repetidamente desconcertado com a tonelagem daquilo que ignorava.

E aí tomamos mais uns drinques e fui notando como ela era bem conservada. Cuida bem de si mesma e está de fato em grande forma, considerando a vida que levou. Então depois de mais alguns drinques ela diz você não está morrendo de calor dentro desse paletó? Venha para cá meu doce e me faça um cafuné! Bem o que eu podia fazer? Ela pôs a mão na minha coxa e enfiou por

baixo do meu calção. Puxa eu sou só um ser humano, não é mesmo? O som estéreo estava tocando “I Should of Known Better” — mas uma coisa leva a outra, e foi uma loucura!

Por exemplo, o único jornal nacional que Desmond tinha lido na vida era o *Morning Lark*. E Jennaveieve, sua destinatária, era sua tia angustiada — melhor dizendo, sua tia extasiada. A página que ela comandava consistia de minuciosos relatos de relações talvez completamente imaginárias, e as respostas dela eram jogos de palavras obscenos seguidos por um ponto de exclamação. O relato de Desmond não era imaginário.

Agora você pode acreditar em mim quando digo que tudo isso é muito “fora do normal”. Nunca ninguém imaginou fazer isso! Tudo bem a gente mora em Diston, onde esse tipo de coisa não é muito malvisto nem nada. E, tudo bem, minha avó teve uma mocidade perniciososa. Mas é uma mulher respeitável. O negócio é que ela ia comemorar em breve uma data importante de aniversário e admito que isso acabou virando a cabeça dela. Quanto a mim, minha formação é estritamente cristã pelo menos do lado de meu pai (pentecostal). E veja bem, Jennaveieve, tenho vivido muito infeliz desde que mamãe, Cilla, faleceu três anos atrás. Não consigo encontrar as palavras. Eu precisava de carinho. E quando vovó me tocou daquele jeito. Bem.

Des não tinha a menor intenção de enviar a carta para Jennaveieve (cujo corpo parcialmente nu também ornamentava o cabeçalho da página, não a Tia do Êxtase, mas o Anjo da Angústia). Ele estava escrevendo apenas para aliviar a mente. Imaginava a resposta de Jennaveieve, leal e isenta de críticas. Algo como: *Pelo menos você está dando grandes alegrias para a vovó!* Des continuou a escrever:

À parte a questão legal que me mata de preocupação, tem um outro enorme problema. O filho dela, Lionel é meu tio, e é como um pai para mim quando não está na prisão. Veja ele é um criminoso

extremamente violento e se descobrir que estou trepando com a mãe dele, vai me matar e fazer em pedacinhos. Literalmente!

Talvez se deva dizer que isso era uma grave subestimação da ideia que Lionel tinha acerca de transgressão e retaliação... O objetivo imediato, para Des, era dominar o apóstrofo. Depois disso, os arcanos dos dois-pontos e do ponto e vírgula, o hífen, o travessão, a barra.

O lado bom da história, a diferença de idade não é tão grande assim. Veja a vovó Grace começou muito cedo e ficou grávida quando tinha doze anos, igual à minha mãe

Ele ouviu o barulho pesado da tranca da porta, olhou com horror para seu relógio de pulso, tentou se pôr de pé sobre as pernas dormentes — e de súbito lá estava Lionel.

2

Lá estava Lionel, uma forma grande e branca, encostado na porta aberta, com o punho erguido e apertado contra a testa, a respiração ofegante e rouca e exalando um débil vapor cinzento em sua camiseta regata roxa (o elevador andava se comportando mal e o apartamento ficava no terceiro andar — mas na verdade Lionel podia exalar vapores até quando cochilava na cama numa tarde sossegada). Debaixo do outro braço trazia um carregamento de cerveja *lager*. Duas dúzias, envoltas em polietileno. Marca: Cobra.

“Voltou mais cedo, tio Li.”

Ele ergueu a mão calejada. Os dois ficaram esperando. Em seu aspecto exterior, Lionel era o típico brutamontes — o corpo semelhante a uma laje, a cara feito um bloco inteiriço, a coroa da cabeça com o cabelo raspado bem curto e restolhos de uns pelinhos castanhos. Soltos pelas cidades do mundo, havia centenas de milhares de jovens muito parecidos com Lionel Asbo.

Sob certas luzes e em certos cenários, algumas pessoas diziam, ele parecia o atacante Wayne Rooney, o prodígio da Inglaterra e do Manchester United: não extraordinariamente alto nem gordo, mas excepcionalmente largo e excepcionalmente *profundo* (Des via o tio todos os dias, e Lionel sempre parecia ter um tamanho um número maior do que ele esperava). Tinha até o sorriso de Rooney, com aquela falha nos dentes. Bem, os incisivos superiores eram amplamente espaçados, embora Lionel raramente sorrisse. Só se viam os dentes quando ele fazia cara de escárnio.

“O que você está fazendo aí com essa *caneta*? O que está escrevendo? Desembucha.”

Des tratou de pensar rápido. “Eh, é uma coisa de poesia, tio Li.”

“*Poesia?*”, exclamou Lionel, sobressaltado, dando um passo para trás.

“Pois é. Um poema chamado *A rainha das fadas*.”

“O quê?... Às vezes você me deixa maluco, Des. Por que não vai para a rua quebrar umas vidraças? Isso não é saudável. Ah, sim, escute só. Sabe aquele babaca que cobri de porrada no pub na outra sexta-feira? O sr. Ross Knowles, lembra? Pois ele vai me processar. Me dedurou para a polícia. Nem dá para acreditar.”

Desmond sabia como Lionel podia se sentir sobre esse tipo de coisa. Certa noite no ano anterior, Lionel chegou em casa e encontrou Des no sofá de couro sintético preto, inocentemente jogado na frente da televisão, vendo o programa *Crimewatch*, sobre crimes não desvendados. O resultado foi uma das mais longas e ruidosas séries de bofetadas que ele já recebeu das mãos do tio. *Eles estão pedindo às pessoas*, disse Lionel, de pé diante da tela colossal, com as mãos na cintura, *para dedurar os próprios vizinhos. Crimewatch é que nem um... um programa para pedófilos, pode crer. Me dá nojo*. Então Des perguntou:

“Ele procurou a justiça? Ah, isso... isso é... a coisa mais baixa de todas as coisas mais baixas, sinceramente. O que é que você vai fazer, tio Li?”

“Bom, andei perguntando por aí e descobri que ele é um cara que vive sozinho. Mora num conjugado. Quer dizer que não tem ninguém que eu possa pegar para aterrorizar. A não ser ele mesmo.”

“Mas ele continua no hospital.”

“E daí? Vou levar para ele um cacho de uvas. Você cuida da comida dos cachorros para mim?”

“Pode deixar. Só que estamos sem pimenta Tabasco.”

Os cachorros, Joe e Jeff, eram os pit bulls psicopatas de Lionel. O domínio deles era a estreita varandinha da cozinha, onde, o dia inteiro, os dois ficavam rosnando, andando para lá e para cá, e rodopiando — e levavam adiante sua guerra de latidos contra o bando de rottweilers que morava na varanda do prédio vizinho.

“Não minta para mim, Desmond”, disse Lionel bem tranquilo. “Nunca minta para mim.”

“Não estou mentindo!”

“Você me disse que dava comida para os cachorros. E nunca me contou que dava molho de pimenta para eles!”

“Tio Li, eu não tinha dinheiro! Só estavam vendendo os frascos grandes e eles custam cinco libras e noventa e cinco!”

“Isso não é desculpa. Você devia ter roubado um vidro. Gastou trinta pratas, *trinta pratas*, na merda de um dicionário e não pode poupar uns trocadinhos para os cachorros?”

“Eu nunca na vida gastei trinta pratas!... Vovó me deu. Ela ganhou nas palavras cruzadas. Nas palavras cruzadas premiadas.”

“Joe e Jeff... eles não são bichinhos de estimação, Desmond Pepperdine. São ferramentas de trabalho para mim.”

O trabalho de Lionel continuava a ser um mistério para Des. Ele sabia que uma parte tinha a ver com a ponta mais arris-

cada da cobrança de dívidas; e sabia que uma parte envolvia a “venda” (a palavra usada por Lionel para a venda era *reativação*). Des sabia disso por uma lógica bem simples, porque a Extorsão Com Ameaças e a Receptação de Bens Roubados eram o motivo mais frequente das condenações de Lionel à prisão... Lá estava ele, Lionel, fazendo uma coisa que sabia fazer muito bem: disseminar tensão. Des o amava profundamente e mais ou menos de forma incontestável (*eu não existiria hoje se não fosse o tio Lionel*, dizia Des muitas vezes para si mesmo). Mas sempre se sentia ligeiramente indisposto na presença do tio. Não que se sentisse sem disposição. Mas indisposto mesmo.

“Voltou cedo, tio Li”, repetiu da maneira mais descontraída que pôde. “Por onde andou?”

“Cynthia. Não sei por que me agito tanto. Puxa, o *estado* daquela Cynthia.”

A loura espectral chamada Cynthia, ou *Cymfia*, como ele pronunciava o nome, era a coisa mais próxima de uma namorada de infância que havia na vida de Lionel, pois começara a dormir com ela quando a menina tinha dez anos (e Lionel nove). Ela também era a coisa mais próxima de uma namorada firme que Lionel tinha, pois a encontrava com regularidade — uma vez a cada quatro ou cinco meses. Sobre mulheres Lionel às vezes tinha a dizer o seguinte: *Dão mais encrenca do que valem, se quer saber minha opinião. Mulheres? Não ligo para isso. Não me preocupo com mulheres*. Des achava que isso provavelmente era muito bom: as mulheres deviam ficar bem contentes com o fato de Lionel não se preocupar com elas. Uma mulher o preocupava, na verdade — sim, mas ela preocupava todo mundo. Era uma beldade promíscua chamada Gina Drago...

“Des. Aquela Cynthia”, disse Lionel com um saciado olhar de esguelha. “Meu Deus. Até, eh, durante o, eh, você sabe, durante o outro, eu estava pensando: Lionel, você está desperdi-